

Educação Experiencial: Um Método de Pesquisa Vinculado à Realidade Social

*Miriam Carvalho Alles **

R E S U M O

Este trabalho apresenta um método de pesquisa na área de educação como forma de estudar, conhecer e transformar a realidade social. Este método vincula portanto educação, pesquisa e transformação da realidade. Educação e pesquisa, segundo a autora, partem da realidade e estão comprometidas com a sua transformação. Desta forma, as pessoas envolvidas neste processo também passam por uma transformação, ou melhor, por uma reeducação.

Existem outras abordagens, porém, esta é a mais apropriada ao tipo de educação que se pretenda fazer vinculada à realidade social. A metodologia e os procedimentos usados na pesquisa são apresentados como ilustração de um trabalho de educação experiencial.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por finalidade discutir o método de pesquisa como forma de estudar, conhecer e transformar a realidade social. Assim como não existe um único método de pesquisa na área de Ciências Humanas, também não existe um que seja específico na área de Psicologia Educacional. O que aqui apresentamos é o que mais se coaduna ao tipo de educação vinculado à realidade, conforme é argumentado no texto.

2. UMA CONCEPÇÃO DE PESQUISA

O método de pesquisa é a maneira pela qual abordamos uma determinada realidade para melhor compreendê-la. Neste conceito está implícito que existem tantas maneiras quantos são os enfoques ou aborda-

* Professora Adjunta do Departamento de Psicologia, Doutora em Psicologia Educacional pela The University of Michigan.

gens das quais nos valem para estudar esta realidade. Isto significa dizer que os diferentes métodos de pesquisa estão imbuídos de diferentes orientações ideológicas. Devemos levar em consideração, porém, que em nosso processo de socialização a ideologia dominante foi aquela que modelou nossas atitudes, delimitou nossa consciência e impôs a nossa visão do mundo. Conforme Guarino e Shlafrok: ¹

“... é a ideologia que imporá a visão que teremos da realidade bem como as atitudes e comportamentos correspondentes.

... o cumprimento da função ideológica é o que permite dotar de sentido, coerência e identidade a vida do homem e suas ações, fornecendo-lhes um guia para a sua prática social” ².

O tipo de método, que aqui pretendo caracterizar, está relacionado com a concepção que tenho da forma de organização social, na qual as pessoas que fazem parte desta sociedade têm poder de decisão sobre sua própria vida, bem como sobre a vida do país como um todo.

Dentro da concepção focalista, em que se culpa a vítima da própria situação em que se encontra, considera-se a favela, por exemplo, como um “câncer social”. A atitude que acompanha tal ponto de vista é a de que os favelados devem ser recuperados e reintegrados à sociedade. Pelo contrário, acredito que se deva usar a perspectiva da teoria dialética para melhor explicar e compreender a contradição em que vivem os oprimidos em relação à situação de outros grupos sociais. Esta perspectiva teórica mostra que a sociedade é formada por grupos antagônicos e incompatíveis; as classes sociais vivem num processo de oposição porque a sociedade tem dentro de si a negação de sua própria forma de organização.

Assim, de acordo com a teoria dialética, lida-se com os problemas do oprimido como consequência de uma ordem social injusta. Logo, é preciso uma mudança radical na estrutura da sociedade a fim de que sejam eliminados os problemas da pobreza e das injustiças sociais.

1 Guarino-Shlafrok Comunicación Massiva, Ideología y trabajo Social, Buenos Aires: Humanitas. 1974, pp. 14 e 15.

2 A tradução tanto desta citação como de outras que venham a ocorrer neste trabalho, são de responsabilidade da autora deste artigo.

Neste método, o objeto de estudo é uma determinada realidade social, partindo-se pela própria sem, porém, deixar de lado a concepção da sociedade como um todo. Estuda-se, portanto, esta realidade social, tomando-se como centro da análise a origem, a natureza e o desenvolvimento desta sociedade. Por isso os problemas de saúde (incluindo-se aqui os psicológicos apresentados como decorrência das constantes pressões que as pessoas sofrem a todo o momento), de habitação e de emprego, não podem ser vistos como problemas a serem solucionados separadamente. Estes devem ser inseridos no contexto global da sociedade, como decorrência de sua formação social e dentro desta perspectiva devem ser analisados.

A função do exame crítico da realidade é o de revelar seus aspectos ocultos, encobertos ou dissimulados através de mitos e falsas idéias que nos levam a considerar a estrutura social existente como algo natural e não como o produto de um processo histórico. Dentro desta concepção é que se vê a pesquisa como forma de intervir na realidade à procura de uma transformação da sociedade, buscando-se para isso conhecer as causas estruturais de organização da mesma.

3. EDUCAÇÃO, PESQUISA E REALIDADE SOCIAL

Para que o educando tenha a oportunidade de se envolver numa prática efetiva através do exame crítico da realidade em que está inserido, urge que os educadores, que acreditam na educação vinculada à realidade, engajem-se numa educação experiencial, cujo objeto é a própria realidade social como parte integrante de um contexto maior.

Partindo deste princípio o estudante deixa de ser um técnico — o especialista de uma determinada área de conhecimento que vai prestar serviços — para tornar-se um trabalhador social, isto é, aquele que se prepara para servir à sociedade atuando dentro dela, aprendendo e ensinando ao mesmo tempo. Analisando-se o trabalho social deste ponto de vista, o mesmo é válido para qualquer área de conhecimento, seja ela humana ou tecnológica. Assim se dá a verdadeira conscientização que segundo Freire³ é

“aprender a perceber as contradições políticas, sociais e econômicas e a agir contra os elementos opressivos da realidade”.

3 Freire, Paulo. *Pedagogy of the Opressed*, New York: Herder and Herder, 1970, p. 19.

Neste sentido a universidade tem um importante papel a desempenhar: a partir dos problemas que afligem a nação como um todo e em especial seu povo, deve preparar seus futuros graduados para desempenharem um papel que se identifique com a realidade social de seu próprio país. Só desta forma a universidade estará correspondendo a sua responsabilidade para com a sociedade da qual ela faz parte, em lugar de se manter isolada da comunidade.

Hall ⁴ afirma que

“não se pode justificar a pesquisa como um simples exercício intelectual ou como parte da carreira acadêmica. É importante que a comunidade ou a população receba os frutos não somente dos *resultados* da pesquisa mas participe também do seu *processo*”.

Em discurso à Universidade da Libéria, Julius K. Nyerere discute a relação entre os intelectuais, a sociedade e o seu povo. Sua fala está vinculada a questões que dizem respeito à responsabilidade da instituição educacional para com a sociedade, seus educadores e educandos. Embora a maioria das universidades não esteja de acordo com esta afirmação, o discurso de Nyerere é perfeitamente aplicável à situação do Brasil. Nyerere ⁵ diz que

“a universidade só se justifica se estiver voltada para a satisfação das necessidades dos membros da sociedade, cuja maioria não possui nenhuma educação. O trabalho na universidade deve ser tal que permita ao estudante, quando este se formar, tornar-se um efetivo servente . . . E os serventes não têm mais direitos que os seus mestres: eles têm, isto sim, mais obrigações, e não mais direitos ou privilégios. E nossos mestres, pessoas educadas, são e devem ser as massas populares”.

Esta deve ser a função da universidade na formação dos trabalhadores sociais que não são apenas os estudantes da área de ciências humanas e sociais, mas também os das demais áreas acadêmicas, quais sejam: economia, química, odontologia, direito, engenharia, medicina, etc.

4 Hall, Budd L. “Breaking the Monopoly of Knowledge”, in *Adult Learning: A design for Action*. Oxford: Pergamon Press, 1978, p. 161.

5 Nyerere, Julius K., *Man and Development*, New York: Oxford U. Press, 1974, p. 11.

4. EXECUÇÃO DA PESQUISA E RESULTADOS SOCIAIS DA MESMA

Neste tipo de trabalho não são necessários instrumentos de pesquisa como, por exemplo, questionários ou entrevistas, porque é o próprio trabalhador social que vai se colocar à disposição da comunidade e é através da situação vivenciada pelos seus membros que a investigação se inicia. É o grupo como um todo — pesquisadores e comunidade — que vai planejar o trabalho a ser feito e as suas formas de execução. Portanto, a pesquisa é orientada pela própria comunidade, porque é ela que possui o saber acerca daquela realidade baseada em sua experiência de vida. Neste processo há, então, uma inversão da ordem estabelecida: o pesquisador, que em geral vai colher informações baseadas em sua própria curiosidade científica, ou o técnico que vai ajudar a organizar a comunidade e que, portanto, assume uma posição de poder sobre a mesma, deve agora colocar-se lado a lado com as pessoas daquele ambiente. Logo, seus mitos, preconceitos e atitudes serão checados pelo fato do trabalhador social confrontar-se com uma realidade diferente da sua.

Se o pesquisador elaborou um plano de pesquisa, o mesmo deve ser submetido à apreciação da comunidade como um plano inacabado, para ser, então, analisado e criticado por todas as pessoas envolvidas no projeto.

Só então será redigido um plano “final” que jamais será acabado e inflexível, uma vez que a própria realidade não apresenta estas características. A finalidade deste plano é a de servir como um guia baseado na realidade encontrada no processo de ação sobre a mesma. Não há momentos estanques neste processo de pesquisa, no conhecimento da realidade e na ação sobre a mesma.

As pessoas, as quais desejamos conhecer e cujo mundo queremos investigar, devem fazer parte integrante do grupo de pesquisadores ou estudiosos. Isto porque aquelas pessoas não devem ser usadas como objetos da investigação já que o próprio objeto da pesquisa, neste caso, é a realidade da qual estas pessoas fazem parte. Segundo Freire⁶

6 Freire, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, Rio de Janeiro: Paz e Terra.

“os pesquisadores e as pessoas (as quais normalmente são consideradas como objetos da investigação) devem agir como co-investigadores”.

Os membros da comunidade, portanto, deverão ser os sujeitos no processo da própria investigação. Todos deverão ser ao mesmo tempo educadores e educandos.

No caso de serem os pesquisadores um grupo de alunos, é importante que o professor, ou a pessoa que os está orientando, passe pelo mesmo processo ou mesmo tipo de experiência. Para isso o professor deve estar presente em todas as fases de investigação, a fim de observar a alunos — e observar-se a si mesmo — e ser capaz de mais tarde discutir com o grupo de estudantes o que vem ocorrendo durante seus contatos com a comunidade. Perguntas tais como as que seguem devem ser elaboradas como parte da reflexão do grupo de estudantes: Quais foram as nossas atitudes frente àquela realidade? O que nós dissemos e que linguagem usamos? O que pensamos e o que sentimos? Qual foi o nosso comportamento, a nossa reação frente àquelas pessoas e/ou realidade social? O que esperávamos e o que lá realmente encontramos?

Além de discussões em grupo é importante que este processo de reflexão crítica seja também feito individualmente. Para tanto, os estudantes e professor envolvidos neste trabalho deverão escrever diários relatando suas experiências de um ponto de vista individual. Algumas perguntas podem orientar a escrita dos primeiros diários: Qual foi a minha atitude diante daquela realidade? O que eu vi? O que eu senti? Isto me afetou? Como e por quê?

A reflexão crítica a ser feita pelo grupo que vai à comunidade é importante, pois é um trabalho de reeducação das próprias pessoas que integram o mesmo e porque não são estas pessoas que vão à comunidade para educá-la, mas para mudarem a visão que têm do mundo. Esta educação, portanto, se dá através de um trabalho de inserção de um grupo em uma realidade diferente da sua e não através do modelo convencional de educação. Neste último as pessoas são preparadas por um longo período de tempo — dentro da escola e de seu próprio grupo social, ou melhor, classe social — para mais tarde empregarem o que aprenderam com pessoas de um contexto social totalmente diferente.

Outro ponto a salientar é a bibliografia a ser utilizada como instrumento de reflexão crítica. Tanto o trabalho como a bibliografia devem

estar sempre vinculados à realidade com a qual estamos trabalhando. Aqui também é importante que o nosso guia sejam as pessoas da comunidade.

5. ILUSTRAÇÃO: UM TRABALHO DE EDUCAÇÃO EXPERIENCIAL

Para ilustrar o que foi dito acima, farei uma descrição da metodologia e procedimentos usados no projeto de pesquisa o qual orientei, durante o período compreendido entre agosto de 1976 e novembro de 1977 na favela do Morro do Flamengo, em Florianópolis, Santa Catarina. A inscrição para participação no projeto foi oferecida a todos os estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina, embora só tenham sido atuantes cinco alunos de cursos da área de Ciências Humanas. Integraram o grupo os favelados, os universitários e eu mesma como professora.

Devo esclarecer que já ocorreram modificações ideológicas comigo desde a realização deste trabalho até o momento, quando escrevo este artigo refletindo sobre o mesmo.

5.1. *Metodologia*: O envolvimento do grupo da Universidade foi total durante a execução do projeto, uma vez que cada um de nós esteve presente no ambiente da favela, aos sábados à tarde, como ser real, começando o trabalho integrados na situação vivencial de cada momento. Encontramos as mais diversas maneiras de nos relacionarmos com as pessoas da favela: de modo diferente, com diferentes pessoas, em diferentes situações. Lidamos com as nossas emoções em comunhão com as emoções dos favelados. Adaptamo-nos ao ambiente toda vez, que lá estivemos: se as pessoas estavam calmas ou tensas, sentíamos a mesma emoção. Muitas vezes, sentimo-nos afetados pelas situações encontradas. Envolvidos na vivência daquelas pessoas, não apenas observamos o que ocorria, mas também participamos de parte de suas vidas: conhecemos como elas viviam e o que lhes acontecia no dia-a-dia. Naturalmente, não conhecemos todos os aspectos de suas vidas, mas ao menos parte deles: aqueles que eles próprios nos revelaram através de conversas; alguns que observamos e ainda, outros que aconteceram como fruto de nossa intervenção naquela realidade.

Não tínhamos nenhum instrumento de ação pré-planejado, como questionário ou entrevista, para usar com os favelados. Apenas levamos

a nós mesmos com nossos sentimentos, emoções, pensamentos, valores e mitos, isto é, a pessoa que nós éramos. Segundo Reinharz⁷

“Na análise experiencial, o instrumento é o self experienciando, observando, sentindo, agindo e interagindo. Os estudos sociais deveriam usar instrumentos humanos para um exame mais humanizado e criterioso . . . O pesquisador não é uma elite ou um indiferente, mas é o sujeito de suas próprias investigações”.

Tínhamos um plano de atividades e/ou uma lista de assuntos a serem discutidos cada vez que íamos ao morro. Mas isto não nos impedia de deixar aquele plano de lado para fazer algo diferente de acordo com as necessidades do momento.

Os três componentes deste método de educação experiencial foram: envolvimento de um grupo de universitários com pessoas de um ambiente social diferente do seu, descrição da experiência em diários, de acordo com a percepção de cada um, e reflexão crítica a respeito da experiência. Neste último momento discutimos, semanalmente, todos os aspectos de nosso trabalho: o envolvimento na favela, as preocupações, os pensamentos, as idéias, os projetos, as observações, as interações, tanto na favela como entre nós mesmos.

Os trabalhos teóricos de Paulo Freire foram o nosso guia para ajudar a entender melhor a situação daquelas pessoas. Não aplicamos sua teoria, mas lemos alguns de seus livros, bem como outros textos relacionados com o problema da opressão do povo brasileiro, a fim de compreender melhor a realidade com a qual estávamos trabalhando.

5.2. Introdução do grupo na situação dos favelados como participante ativo: — Uma educação experiencial pressupõe a atividade de uma pessoa em relação à outra, ambas envolvidas no processo de investigação da situação de homens e mulheres num determinado tempo e espaço. Dentro desta perspectiva tentamos diversas abordagens de trabalho com as pessoas da favela. Tivemos também que nos adaptar a elas mudando nossas atitudes.

Conseguir que os favelados se envolvessem, foi para nós um desafio: o fato de sermos elementos de fora da favela, provocava a descon-

7 Reinharz, Shulamit. On Becoming a Social Scientist, San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1979. p. 354.

fiança deles em relação a nós; e isto nos levou um ano porque os favelados têm uma longa experiência com pessoas de fora que vêm ao morro com objetivos diversos, para usá-los. E como nós também éramos de fora foi necessário tempo para que eles nos conhecessem, acreditassem em nossos propósitos e pudessem, assim, confiar em nós. Poderíamos muito bem ser um grupo a mais de pessoas que havia ido até eles para prometer-lhes trabalhar em conjunto e deixá-los logo em seguida. Eles não queriam comprometer-se totalmente conosco. Mesmo assim, tiveram que dispor de certo tempo para nos testar. Alguns favelados provavelmente se decepcionaram conosco porque nós não lhes demos aquilo que nos pediam: comida, madeira para construir uma casinha, etc. Após um ano e meio, quando parecíamos verdadeiramente comprometidos com eles, nós os deixamos.⁸

Conseguir a aceitação do pessoal do morro e envolvê-los não foi uma tarefa fácil. Muitas vezes nós nos perguntamos se o que estávamos fazendo tinha valor e se deveríamos continuar o trabalho. Compreendemos que tudo isto foi parte do nosso processo de aprendizagem no relacionamento com as pessoas da favela. A estrutura social do morro começou a fazer parte da realidade social maior que é a sociedade da qual fazemos parte, mas cujos problemas encarávamos pela primeira vez. Assim nós também nos tornamos parte da realidade dos favelados, especialmente durante os últimos meses de nosso trabalho no morro.

Confrontados com esta nova realidade — a realidade do oprimido — refletíamos e, ao mesmo tempo, agíamos sobre ela e nesta ação e reflexão estávamos também envolvendo os favelados. Durante o nosso trabalho nos grupos de discussão e análise, tanto na favela como fora dela, sempre procurávamos ir além do aparente, para compreender a estrutura social da qual a situação dos favelados fazia parte.

Pelo fato de usarmos esta perspectiva ampla, a análise que fizemos dos aspectos parciais de uma situação de opressão, era sempre elabora-

8 O motivo central foi a minha ida para os Estados Unidos onde escrevi a tese. O resultado do abandono de um trabalho que estava recém iniciado é que confirma para os favelados a nossa atitude de descaso para com eles. Aliás, durante uma das últimas reuniões — porque nos últimos três ou quatro meses havia um grupo de favelados que se reunia semanalmente conosco — uma senhora nos advertiu que provavelmente “nós já tínhamos todo o material necessário para os nossos estudos e que por isso já não precisávamos mais ir ao morro”

da dentro do contexto da realidade social como um todo. Isto nos levou a fazer perguntas, tais como: Por que existe este tipo de situação? Como a mesma se originou? Como a mesma irá se desenvolver? Foi importante desenvolver esta compreensão crítica da realidade, em lugar de permanecermos ingênuos a respeito dos problemas que afetam o povo brasileiro e nosso país.

Aliando prática e teoria, a nossa participação neste trabalho teve valor uma vez que fomos envolvidos como sujeitos no processo de nossa reeducação. Devo, porém, salientar que é questionável a afirmação de que o projeto teve o mesmo valor para o povo da favela.

5.3. *Material experiencial como dados de pesquisa:*

a. *O uso de diários:* Os diários são importantes como objetos de estudo e reflexão uma vez que

“as representações simbólicas são uma apreensão da realidade social objetiva, por esta determinada; neste sentido, o indivíduo apreende as relações sociais objetivamente dadas como fenômeno da experiência vivida, que dão sentido à sua ação social, ao mesmo tempo que as apreende como fenômenos da realidade externa”.⁹

A escrita de diários é um exercício que permite ao indivíduo descrever a sua apreensão ou percepção da realidade social objetiva. Tudo se combina para se chegar a uma nova compreensão da realidade em estudo: reflexão sobre a mesma através do diálogo entre as pessoas envolvidas no projeto, através das sessões de discussão e estudo e, finalmente, através da escrita de diários.

Não podemos estudar a realidade objetiva por si só, nem a realidade subjetiva somente, porque uma não existe e não tem significação sem a outra. É como diz Paoli: ¹⁰

“uma antropologia total não pode deter-se em uma descrição das relações objetivas, porque a experiência das significações faz parte da significação total da experiência”.

9 Paoli, Maria Célia Pinheiro Machado. *Desenvolvimento e Marginalidade: Um estudo de caso*. São Paulo: Pioneira, 1974, p. 34.

10 Ibid. p. 34.

Os seres humanos pensam, falam, sentem, agem e interagem “de acordo com os padrões significativos os quais dão sentido a seus mundos”.¹¹ São eles que também dão significado ao mundo objetivo. E, uma vez que é o homem quem dá significado ao mundo natural e social, ele é, também, o centro da investigação e sua principal fonte de informação. Por esta razão, escolhemos como fonte de dados, as comunicações por escrito das pessoas envolvidas na experiência, no caso professora e alunos. Os diários tinham por finalidade descrever a experiência de acordo com a percepção do estudante e não apenas conter uma descrição objetiva dos acontecimentos e observações do que havia ocorrido. Depoimentos dos favelados foram incluídos em nossos diários a fim de documentar as suas experiências e reações. Conforme Giorgi¹²

“... cada cientista pesquisador ou estudioso de uma dada realidade deve incluir tanto quanto possível em seus relatos suposições, preconceitos, intenções — da forma como os mesmos parecem aos outros e a si mesmo. Assim, será acumulado um conjunto de dados sobre os pesquisadores e suas descobertas, podendo-se então ver melhor os tipos e os objetivos para os quais as descobertas têm maior relevância”.

Ele ainda acrescenta que

“Do seu limitado ponto de vista cada cientista afirma a verdade como ele a vê ou a entende, e então deixa que seus colegas critiquem ou modifiquem aquilo que foi apresentado como verdade até que o que for verdadeiro permaneça e o que for falso seja eliminado”.

Os diários deveriam ser escritos logo após cada experiência: após a visita ao morro aos sábados à tarde e após a reunião semanal entre a professora e os alunos. Muitas vezes porém, os universitários não escreveram ou só o faziam alguns dias mais tarde. Havia duas razões para que isto ocorresse: primeiro, porque os estudantes iam para casa logo após a

11 Callaway, Helen. “Adult Learners with their Cultural Setting: Research for Development” in *Adult Learning: A Design for Action*. Oxford: Pergamon Press, 1978. p. 169.

12 Giorgi, Amadeo. *Psychology as a Human Science*, New York: Harper and Row, Publishers, 1970, pp. 126 e 173.

visita ao morro e, de depois, porque estavam envolvidos com seus afazeres acadêmicos.

Algo que descobri somente ao final do trabalho e que provavelmente teria funcionado muito bem, foi reservar os últimos quinze minutos da reunião semanal para escrever os diários, comunicando o seu conteúdo, logo em seguida, ao grupo de trabalho e fazer uma rápida discussão sobre os mesmos. Isto é importante porque o assunto da reunião, bem como nossos pensamentos e sentimentos, estão bem presentes em nossa memória, além de, para algumas pessoas, esta ser quase a única oportunidade de se comunicar com o grupo. Uma aluna, por exemplo, era muito tímida e revelou através de seus diários a dificuldade que tinha de expressar suas idéias, bem como de falar em frente a outras pessoas. E, talvez por este motivo, foi a pessoa que escreveu o maior número de diários.

Os diários que escrevi eram mais descrições das situações encontradas na favela e daquilo que as pessoas nos diziam. Teria sido importante que eu também, como a líder do grupo, tivesse escrito diários pessoais assim como os alunos fizeram. A mesma experiência teria sido descrita sob o ponto de vista e da perspectiva da pessoa que liderava o trabalho, com idade, experiência e status profissional diferentes do resto do grupo.

Os diários escritos por um período de um ano e meio são o que constitui o conjunto de dados para este tipo de pesquisa. O seu conteúdo revela o impacto causado pelo trabalho nas pessoas envolvidas no mesmo. Os diários ilustram a experiência e a situação como foram simultaneamente percebidas e compreendidas sob diferentes perspectivas.

Um trabalho deste tipo não pode, porém, deter-se no estudo dos diários dos alunos. Para que se obtenha uma boa compreensão do trabalho em seu contexto mais amplo, os diários devem ser vistos em relação à experiência vivida pela própria pessoa que os escreveu, assim como, para que a situação dos favelados seja compreendida em seu contexto total, deve-se relacionar a favela com o restante da estrutura social brasileira. Logo, não podemos olhar isoladamente para um fenômeno.

b. *O porquê de diários e não dados estatísticos:* Nós não utilizamos entrevistas, questionários nem tampouco dados estatísticos, porque os mesmos eram inadequados ao tipo de trabalho que estávamos reali-

zando. Eles viriam interferir no nosso relacionamento com os favelados, devido à experiência que os mesmos têm com pesquisadores que vêm à favela para colher informações. Mas, além deste, existem outros motivos que nos levaram conscientemente a evitar estes tipos de instrumentos. Conforme observou Hall ¹³

“O processo de pesquisa que extrai informações de indivíduos isoladamente, agregando-as depois em um único conjunto de números, reduz a complexidade e a riqueza da experiência humana”.

Hall ainda enfatiza que

“a informação colhida através de entrevistas ou questionários fornece um esquema de respostas que força as escolhas do entrevistado dentro da perspectiva do pesquisador. Um único levantamento apresenta uma fotografia estática da realidade, uma foto de um grupo de pessoas sem passado nem futuro”.

Além disso, instrumentos como questionários carregam consigo uma visão das pessoas como simples respondentes de perguntas elaboradas por pessoas estranhas. As mesmas interferem na realidade, na vida das pessoas e na liberdade das mesmas falarem a respeito do que lhes é importante. O que Henry ¹⁴ diz a respeito de estudos experimentais serve como crítica à pesquisa convencional na área das ciências humanas:

“a artificialidade de estudos experimentais do comportamento humano . . . elimina o contexto da vida. Eles retiram o ambiente sem o qual (o comportamento humano) não tem sentido, sem o qual lhe falta o envelope”.

Ele ainda acrescenta que

“É comum na história das ciências ver-se o surgimento de hipóteses valiosas as quais foram desenvolvidas depois de observações bem feitas do fenômeno natural”.

Os métodos de pesquisa estatística têm sido usados em nome da neutralidade da ciência. Mas sabe-se que eles não são tão neutros como

13 Hall, Budd L. “Breaking the Monopoly of Knowledge”, in *Adult Learning: A Design for Action*. Oxford: Pergamon Press, 1978, p. 156.

14 Henry, Jules. *Patways do Madness*, New York: Vintage Books, 1973, pp. XV e XVI.

parecem porque todo trabalho científico está vinculado a interesses e jamais se pode deixar de fazer as perguntas do *para quê* e do *para quem* da produção científica. Portanto, os métodos de pesquisa estatística distanciam o pesquisador das pessoas pesquisadas. O primeiro se torna o sujeito da pesquisa e os pesquisados seus objetos. Esta abordagem cria a ilusão de que o pesquisador está realizando um trabalho científico, o qual somente ele pode fazer. A informação é colhida e usada sob o seu controle. Aquele que dá a informação é colocado à margem do processo de decisão que afetará sua vida. A mistificação da realidade e da ciência é o resultado de todo este processo. A pesquisa então se torna um instrumento de alienação e de dominação. Ander - Egg ¹⁵ sustenta que não somente as nossas ações não são neutras, como também não o é a atividade científica:

“A teoria, a investigação e a praxis estão rodeadas, impregnadas e apoiadas em uma ideologia”, (isto é, toda produção científica vem acompanhada do *para quê* e do *para quem*).

c. *A análise dos diários*: São duas as maneiras de se analisar o material experiencial usado como dados de uma investigação: 1) lê-se um diário completo e em seguida escreve-se à parte suas idéias mais importantes, o que se pensou a respeito do mesmo e os temas mais importantes encontrados; ou 2) usando-se uma maneira mais sistemática de análise, lê-se cuidadosamente cada frase extraíndo-se temas de cada uma. O importante em qualquer dos casos é que o diário guie a análise, emergindo daí os temas ou categorias. As categorias são descobertas através de um cuidadoso exame dos dados em estudo. Elas devem ser relevantes, significativas e capazes de explicar a realidade sendo estudada. Ao fazer a análise, o pesquisador deve, tanto quanto possível, suspender seus preconceitos a fim de se abrir para a experiência dos outros.

Após a análise dos diários e o levantamento dos temas, temos em nossa frente a configuração do que cada pessoa experienciou. De acordo com Glaser e Strauss ¹⁶

15 Ander - Egg, Ezequiel. *Hacia una Metodologia del Trabajo Social*. Buenos Aires: Ed. ECRO, 1976, p. 106.

16 Glaser, Barney G. e Strauss, Anselm L. *The Discovery of Grounded Theory*, Chicago: Aldine, 1976.

“As categorias são descobertas através do exame dos dados, e indicadas pelos dados em estudo. Logo, as categorias devem ser significativamente relevantes e capazes de explicar o comportamento (ou melhor, a experiência) sendo estudada. Estes autores criticam “outras concepções de teoria as quais geram novas teorias através de dedução lógica com base em suposições feitas a priori”.

Sempre que possível é necessário que os “insights” do pesquisador sejam revistos pelos próprios sujeitos da pesquisa para ver se os mesmos estão corretos.¹⁷ A experiência descrita por uma pessoa deve ser analisada individualmente, devendo-se evitar o ajuste da experiência de uma pessoa à de outra. Quando se procuram os temas, deve-se também evitar o uso de palavras conhecidas como jargão. Toda teoria e pesquisa existente a respeito do assunto deve ser deixada de lado até que o tema sugira a sua relevância.

Por último, se estabelecem as devidas relações entre os temas, a literatura, as interpretações e “insights” do próprio pesquisador. Neste momento, o pesquisador deve estar atento para constantemente testar suas reações, voltando aos diários quantas vezes necessário for, a fim de entender o que a pessoa pretendia dizer ou o que disse enquanto escrevia. O pesquisador deve ser cuidadoso e não fazer interpretações prematuras baseadas em teorias e pesquisas já existentes.

Teoria e pesquisas relacionadas com os temas, poderão ser usadas quando úteis para melhor explicá-los, para corroborar ou contradizer os “insights” e as descobertas de um pesquisador em relação a outros. Assim as teorias já existentes serão testadas contra os dados reais e os temas que emergem serão testados contra a realidade descrita pelo participante ativo.

Outro aspecto a ser levado em consideração durante a análise dos diários é o de que, como pessoas, todos nós temos preconceitos. Isto se reflete quando escrevemos os diários, nas interpretações dos mesmos, na escolha dos temas e nos significados que lhes damos. A escolha de alguns temas exclui a possibilidade de muitos outros emergirem, assim como um outro pesquisador provavelmente faria a escolha de outros

17 Isto não me foi possível fazer por causa da distância que me separava dos estudantes, já que escrevi a tese nos Estados Unidos.

temas e as suas interpretações seriam totalmente diferentes. Devemos, portanto, estar conscientes de que nossos preconceitos irão influenciar qualquer trabalho ou pesquisa que venhamos a fazer.

Num trabalho como este, o pesquisador não é jamais uma pessoa desligada de sua pesquisa. As experiências anteriores do pesquisador influenciarão suas observações, pensamentos e idéias, assim como estes influenciaram na escolha do tópico de pesquisa. Somos seletivos quando fazemos a escolha de um tipo de pesquisa e o somos também ao estudarmos todo o material coletado. Esta seletividade está baseada num ponto defendido pelo pesquisador e que reflete até certo ponto a sua perspectiva em relação ao trabalho escolhido. Logo, a subjetividade do investigador está sempre presente durante a realização do projeto de pesquisa como durante a análise do material coletado.¹⁸

O procedimento usado por mim para a análise dos diários e procura dos temas começou por uma leitura cuidadosa de cada período sublinhando as idéias mais importantes. Em seguida fiz anotações na margem, tal como no exemplo abaixo, tirado de um diário escrito por uma aluna em julho de 1977 ao final de seu trabalho na favela, o qual durou quatro meses:

a própria experiência prepara para reiniciar o trabalho

a experiência foi a sua própria preparação e conscientização

“Portanto, depois de todo este relato, posso assegurar que *agora* é que eu *estou preparada para começar o trabalho de conscientização do morro.*

Tudo o que *fiz anteriormente foi uma preparação e uma conscientização minha* do que realmente é nosso trabalho”.

Após efetuar o estudo de cada diário seguindo esta forma, comecei a procurar por padrões que pudessem representar da melhor maneira a experiência descrita pelo indivíduo que escrevera o diário. São exem-

18 Por isso em minha tese de doutorado incluí parte de minha história no prefácio da mesma. E com o mesmo objetivo, o de preservar intata a subjetividade de cada escritor, foram incluídos no apêndice parte dos diários dos alunos, dos relatos das reuniões e ainda outros dados pessoais. Com isto foram preservados os contextos nos quais cada afirmação ocorreu.

plos destes padrões representativos: “Atitudes e sentimentos dos alunos antes de irem à favela”, “reações dos favelados às nossas visitas”, e “percepção dos estudantes da realidade da favela”.

A tarefa seguinte foi a de transcrever as experiências mais relevantes listando-as abaixo de cada padrão. Em seguida selecionei das experiências listadas as mais significativas, procurando por um tema que me parecesse representar a experiência descrita dentro da perspectiva da pessoa que descreveu o diário. Temas também foram levantados relacionando-os com o desenvolvimento do aluno durante o trabalho na favela.

A última etapa foi explicitar os temas relacionando-os com a história de nosso trabalho na favela Morro do Flamengo.

6. CONCLUSÃO

O processo de análise e reflexão crítica de todo o material escrito pelos alunos, somado ao trabalho realizado na favela Morro do Flamengo, ajudou-me a entender melhor as pessoas envolvidas no mesmo: favelados, estudantes e eu mesma. Muitas vezes, durante a leitura de material escrito por mim, fiquei chocada com a ingenuidade de minhas idéias há dois ou três anos atrás.

Através deste trabalho estivemos imersos em um contexto social único, sendo desafiados pelo mesmo e nos questionando. Através dos diários semanais os estudantes puderam registrar os problemas mais importantes que afetavam não apenas a nós mesmos como indivíduos, mas o grupo, como um todo, estando eu nele incluída: a dificuldade deste tipo de trabalho, a insegurança criada em nós pelos problemas encontrados e a conseqüente insatisfação, levando-nos a altos e baixos tanto em nossos conhecimentos em relação às pessoas do Morro como em relação ao próprio trabalho.

As interpretações feitas de nossas observações só mudaram quando nós chegamos a uma compreensão das causas da opressão daquelas pessoas. Este fenômeno, é claro, não é característico desta favela, mas ele é simplesmente mais um exemplo da exploração generalizada desta camada social. A partir desta compreensão, nós nos tornamos mais críticos e pudemos refletir melhor sobre o trabalho com os favelados. Nossa atitude em relação a eles mudou e a deles em relação a nós

também. Finalmente, através do impacto cultural e da união da prática e teoria no contexto da favela, a consciência social da professora e dos alunos foi expandida.

Entretanto, um aspecto fundamental neste tipo de trabalho, o comprometimento com os favelados, foi quebrado quando interrompemos nossas idas ao Morro. Talvez este comprometimento nunca tenha ocorrido porque faltaram de nossa parte esclarecimentos sobre nossos objetivos na favela (que em última instância era um trabalho de tese) e do prazo, em que pretendíamos realizá-lo. Estes são pontos importantes para que a comunidade possa decidir se aceita as pessoas de fora, para que se estabeleça um clima de confiança mútua e para que eles saibam por quanto tempo podem contar com os serviços daqueles que vão à sua comunidade.*

BIBLIOGRAFIA

1. ALLES, Miriam C. University Students Challenged by the Problems of Oppressed People (tese de doutorado) The University of Michigan, 1980.
2. ANDER - EGG, Ezequiel. Hacia una Metodologia Del Trabajo Social — Buenos Aires: Ed. ECRO, 1976.
3. CALLAWAY, Helen. "Adult Learners with their Cultural Setting, Research for Développement", in Adult Learning: A Design for Action. Oxford: Pergamon Press, 1978.
4. FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
5. GIORGI, Amadeo. Psychology as a Human Science. New York: Harper and Row Publisher, 1970.
6. GLASER, Barney G. e Strauss, Anselm L. The Discovery of Grounded Theory. Chicago: Aldine, 1967.
7. GUARINO-SHLAFROK. Comunicación Massiva, Ideologia y Trabajo Social, Buenos Aires: Humanitas, 1974.

Este trabalho foi revisado pela Prof. Vilca Maria Vieira do Departamento de Língua e Literatura Vernácula da UFSC.

8. HALL, Budd L. "Breaking the Monopoly of Knowledge", in *Adult Learning: A Design for Action*. Oxford: Pergamon Press, 1978.
9. HENRY, Jules. *Patways do Madness*. New York: Vintage Books, 1973.
10. NYERERE, Julius K., *Man and Development*, New York: Oxford U. Press, 1974.
11. PAOLI, Maria Célia Pinheiro Machado. *Desenvolvimento e Marginalidade: Um estudo de caso*. São Paulo: Pioneira, 1974.
12. REINHARZ, Shulamit. *On Becoming a Social Scientist*, San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1979.